

POR QUE ESTUDAR LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL?

[ARTIGO]

Margarida Petter

*Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Foram muitas as línguas que o tráfico transatlântico transplantou para o Brasil, no entanto o estudo dessas línguas não atraiu a atenção dos estudiosos, que se dedicaram a outros aspectos da diversidade cultural africana, como religiões, danças, música, culinária etc. Este artigo aborda as motivações que levaram pesquisadores, linguistas em particular, a estudar (ou não) as línguas africanas entre nós, chamando a atenção para as duas vertentes desse estudo: as línguas que entraram em contato com o português no Brasil e as línguas que são faladas no continente africano. Examina-se, primeiramente, o contexto sociocultural que fomentou o interesse pelas questões linguísticas e que influenciou as análises feitas ao longo da história brasileira. Destaca-se a seguir a importância científica da investigação das línguas da África, tanto para a linguística quanto para o conhecimento da humanidade.

Palavras-chave: Línguas Africanas. Línguas Africanas no Brasil. Contato de Línguas.

Many African languages have been transplanted to Brazil by the transatlantic slave trade, but the study of these languages didn't attracted the attention of scholars who dedicated themselves to other aspects of African cultural diversity, such as religions, dances, music, cooking, etc. This text addresses the motivations that led researchers and linguists in particular to study (or not) African languages among us, drawing attention to the two dimensions of this study: the languages that came into contact with Portuguese in Brazil and the languages which are spoken on the African continent. It is firstly examined the sociocultural context that fostered the interest in linguistic issues and that influenced the analyses made throughout Brazilian history. Afterwards it is highlighted the scientific importance of the research on languages from Africa, both for linguistics and for the knowledge of the humanity.

Keywords: African languages. African languages in Brazil. Language contact.

El tráfico transatlántico transplantó a Brasil muchas lenguas, pero el estudio de esas lenguas no atrajo mucho la atención de los estudiosos, que se dedicaron a otros aspectos de la diversidad cultural africana, como religiones, danzas, música, culinaria, etc. Este documento aborda las motivaciones que llevaron a los investigadores y lingüistas, en particular, para estudiar (o no) las lenguas africanas entre nosotros, llamando la atención sobre dos aspectos de este estudio: los idiomas que entraron en contacto con los portugueses en Brasil y los que se hablan en el continente africano. Se examina, primero, el contexto sociocultural que fomentó el interés por las cuestiones lingüísticas y que influenció los análisis hechos a lo largo de la historia brasileña. Se destaca a continuación la importancia científica de la investigación de las lenguas de África, tanto para la lingüística y para el conocimiento de la humanidad.

Palabras clave: Lenguas africanas. Lenguas Africanas en Brasil. Contacto Lingüístico.

Introdução

O título deste artigo é uma pergunta propositalmente ambígua, que suscita duas leituras: a primeira, talvez a que seja feita pela maioria dos leitores, é a que indaga as razões de estudar as línguas africanas que aportaram ao Brasil, discutindo a sua permanência na atualidade. A segunda leitura diz respeito às motivações de, no Brasil, estudar as línguas faladas na África. Embora aparentemente sejam questões independentes, tentarei mostrar a pertinência e a conexão entre as duas questões.

Foram muitas as línguas que o tráfico transatlântico transplantou para o Brasil, no entanto o estudo dessas línguas não atraiu a atenção de muitos estudiosos, que se dedicaram a outros aspectos da diversidade cultural africana, como religiões, danças, música, culinária etc.

Os indivíduos que foram deportados para o Brasil provinham de áreas muito diversas, falavam línguas também diversas. Essas diferenças de origem eram apontadas nos documentos por meio da identificação ou designação dos portos de embarque, por nomes genéricos criados no Brasil ou, mais raramente, pelos seus próprios grupos étnicos (FARIA, 2004). As informações sobre a origem nem sempre eram corretamente declaradas ou reconhecidas pelos que faziam os registros. É por isso que se questiona o que significariam realmente algumas designações, como *mina*, *angola*, *congo* ou até mesmo *negro da costa*. Este último poderia ser um *benguela*, habitante ou proveniente do sul de Angola, de Benguela, ou da região da costa do ouro, do golfo da Guiné (BRÜG-

GER; OLIVEIRA, 2009; ÁLVAREZ-LÓPEZ, 2015). Os africanos não eram, portanto, identificados pelas línguas que falavam, mesmo porque elas eram desconhecidas dos colonizadores. A expressão linguística dos negros só foi observada quando estes falavam português e a partir desse fato se criou uma primeira separação entre os escravizados: os *ladinos*, que já dominavam a língua do branco, e os *boçais*, que ainda não se faziam entender bem na língua portuguesa. As línguas dos africanos foram, então, inicialmente vistas como um empecilho para o bom desempenho em português dos escravizados.

Convém lembrar que o fato de falar bem ou mal a língua portuguesa foi um indício importante para identificar os fugitivos, como bem retratam os anúncios de fugas no século XIX. Em grande parte dessas notícias, menciona-se que o procurado era “bem falante, de fala atrapalhada ou que fala embaraçado ou finge-se não saber falar.” (LIMA, 2015, p. 31-41) “Fingir não saber falar” foi uma estratégia de resistência importante utilizada pelos africanos que ajustavam o seu domínio do português segundo as circunstâncias do momento para parecer “boçal” e escapar à escravização, ou se mostrar falante e desinibido para passar por liberto na cidade. Isso porque a lei de 07/11/1831 – que proibia o tráfico estipulando que todos os escravizados que entrassem no território ou portos do Brasil, vindos de fora, ficariam livres – criou para as autoridades o problema da identificação do africano ilegalmente escravizado; nesse momento, a língua, ou seja, a falta de domínio do português, tornou-se o critério para reconhecer os indivíduos ilegalmente comercializados e que se tornariam livres.

Foi, portanto, a partir do português falado pelos africanos que as línguas da África foram percebidas no Brasil, sendo consideradas, a princípio, como um elemento prejudicial ao aprendizado perfeito da língua da metrópole.

No Brasil, a pesquisa sobre as línguas africanas sempre esteve associada à busca de explicações para as diferenças entre o português brasileiro (PB) e o europeu (PE). Em consequência, as línguas africanas foram sempre coadjuvantes de uma investigação em que o foco não era a língua falada por africanos e afrodescendentes, cuja expressão linguística foi raramente registrada. Segundo Silva Neto (1950), os viajantes foram os que anotaram as primeiras impressões sobre a fala dos africanos escravizados, como a modificação fonética de vários sons, como o [r] que pronunciavam como [l] (como em *dalê* em vez de *dareí*) e *tá bom* por *está bom*. Somente a partir de 1831, a imprensa e a literatura vão retratar o falar diferenciado, “xacoco”, dos negros.

Na atualidade, Tania Alkmim (2007; 2009) vem estudando sistematicamente a representação da fala dos negros africanos e crioulos nos diferentes gêneros da literatura brasileira. Segundo a autora, o domínio da língua portuguesa por parte dos africanos vai tornar-se um elemento identificador importante (2009, p. 255) na análise “da representação linguística de negros e escravos na literatura brasileira do século XIX”. Haveria, em princípio, um português de brancos e um português de negros; este apresentaria uma oposição secundária, entre um português de africanos e um português de crioulos. Haveria marcas linguísticas comuns a africanos e

crioulos, mas aqueles apresentariam características próprias, não encontradas na fala de crioulos, que os identificariam como estrangeiros. Ao observar, no entanto, obras que retratam a fala de personagens brancos pouco escolarizados, da área rural sobretudo, a autora encontra uma outra clivagem que ultrapassa a separação entre *português de branco* e *português de negro*:

Tal proximidade sugere um novo olhar sobre a realidade linguística do Brasil do século XIX: crioulos não se destacaram linguisticamente do conjunto da população brasileira. Mais precisamente, os crioulos, diferentemente dos africanos, estariam perfeitamente integrados à comunidade linguística brasileira, como falantes de variedades linguísticas não padrão ou populares, distintas das variedades faladas pelos grupos letrados, social e culturalmente dominantes – o “português de brancos” (ALKMIM, 2009, p. 260).

Quanto à variedade brasileira do português, é na segunda década do século XIX, em um contexto social e político próximo da independência do país, que se publica um texto que foi considerado como uma das primeiras reflexões sobre a sua natureza (PINTO, 1978). Trata-se do artigo escrito pelo Visconde da Pedra Branca (1826, apud ALKMIM, 2012) para fazer parte do *Atlas ethnográfico* de Balbi¹ publicado no mesmo ano. Neste trabalho, inicialmente em francês, o autor apresen-

[1] BALBI, Adrien. *Atlas ethnographique du globe: ou classification des peuples anciens de modernes d'après leurs langues*. Paris: Chez Rey et Gravier, 1826. 42 p.

ta uma lista com 49 palavras usadas no Brasil e desconhecidas em Portugal, em que 16 delas provêm de “habitantes de colônias portuguesas de além-mar”, expressão eufemística para referir-se à origem africana dos vocábulos: *quindim*, *quitute*, *batuque*, *cochilar*, *xingar*, *muxingueiro*, *caçula*, *fuxicar*, *mocotó*, *mungangas*, *muxoxo*, *mulambo*, *mandinga*, *muxiba*, *quitanda*, *senzala* (ALKMIM, 2012, p. 23-24).

Foi no século XX, quando se instalava o debate sobre a identidade da língua nacional, que as línguas africanas, ao lado das línguas indígenas, mereceram maior atenção dos estudiosos. Para esses autores, as características específicas do PB se deviam ao contato do português com as línguas africanas e indígenas. Duas obras (MENDONÇA, 1933; RAIMUNDO, 1933) abordaram o tema e mostraram que, além de terem sido responsáveis por um importante conjunto de empréstimos lexicais, as línguas africanas provocaram mudanças em todos os subsistemas linguísticos do PB: fonético/fonológico, morfológico e sintático. No entanto, foi o glossário de palavras de origem africana apresentado nos dois livros que chamou a atenção dos demais estudiosos, e o léxico, por ser a face mais visível do contato, ficou associado mais diretamente ao tema da especificidade do português brasileiro.

O interesse pelo léxico levou à elaboração de diversos inventários lexicais, com o objetivo de rastrear “africanismos”, designação que serviu para identificar os empréstimos de línguas africanas no PB. Dentre os muitos trabalhos publicados regionalmente, sobretudo, cabe citar o mais recente, de 2001: “Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro”,

de Yeda Pessoa de Castro², a grande estudiosa da presença linguística africana no Brasil.

Na maior parte dos levantamentos lexicais apontados, é recorrente a menção a étimos do iorubá e do quimbundo, sendo que este último se distingue como a fonte do maior número dos empréstimos. Esses dados contribuíram para difundir a ideia de que somente essas duas línguas teriam participado ativamente do contato linguístico, simplificando, assim, a complexidade da situação do contato e negando a diversidade de línguas transplantadas para o Brasil, como apontado por Bonvini (2008, p. 30-31). A dificuldade em localizar fontes de pesquisa – dicionários de línguas africanas, sobretudo –, a falta de novas investigações e a prática de repetir o que disseram os autores precedentes explicam essa situação.

Mas, no Brasil, foram ou são faladas línguas africanas?

Dois trabalhos – um do século XVII e outro do século XVIII – são marcos históricos da presença de línguas africanas no Brasil. O primeiro é a “Arte da lengoa de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe & Senhora dos mesmos Pretos”, pelo Pe. Pedro Dias da Companhia de Jesu (como aparece no frontispício), publicada em Lisboa em 1697, na oficina de Miguel

[2] CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. 366 p.

Deslandes³, impressor de sua Majestade, mas redigida no Brasil, em Salvador. Seu autor era português de origem, mas vivia no Brasil desde sua infância; era jesuíta, jurista e médico. Seu trabalho, de 48 páginas, é a gramática de quimbundo, falada em Salvador pelos africanos escravizados oriundos de Angola. A obra destinava-se a facilitar o trabalho dos jesuítas que lidavam com os negros, com o objetivo de facilitar-lhes o aprendizado dessa língua, visto que não havia ainda nenhuma gramática sobre o quimbundo. A *arte* de Pedro Dias (1697) é considerada a primeira gramática escrita sobre essa língua.

O segundo documento sobre línguas africanas faladas no Brasil é “Lingoa g^al de Minna, traduzida ao nosso Igdioma, por Antonio da Costa Peixoto, Curiozo nesta Siencia, e graduado na mesma faculdade: E.^o” – título que aparece no frontispício do manuscrito “Obra Nova da Língua Geral de Mina”⁴, redigido em Ouro Preto por Antonio da Costa Peixoto, publicado em 1731, com uma segunda edição em 1741. Esse documento retrata uma situação linguística particular, resultante da concentração, no quadrilátero mineiro de Vila Rica-Vila do Carmo-Sabará-Rio dos Montes, de 100 mil escravos – regularmente renovados durante um período de 40-50 anos – originários da costa do Benin (designada *Mina* e situada, grosso modo, entre Gana e Nigéria). Essa situa-

ção deu origem a uma variedade veicular tipologicamente próxima das línguas africanas dessa mesma costa.

O manuscrito de Antonio da Costa Peixoto (1731), redigido com a intenção de facilitar aos senhores de escravos o aprendizado da língua utilizada nas minas, desvenda, ainda, uma mudança no panorama linguístico africano no Brasil: no século XVIII são as línguas da costa do Benin que estão em evidência, pelo menos nas regiões economicamente mais ativas e tendo em vista a ausência de documentos sobre o restante do país. Do ponto de vista linguístico, esse manuscrito se apresenta como uma lista de vocábulos em língua africana, traduzidos para o português, organizados por campos semânticos; traz também alguns diálogos e frases necessárias à comunicação mais urgente.

Embora o século XIX não nos ofereça uma documentação especificamente linguística como a dos séculos precedentes, confirmam-se dois fatos: a existência de um plurilinguismo africano, sobretudo em Salvador, e a identificação de uma maneira particular de expressão em português dos negros escravizados. Rodrigues (1977) inicia em 1890 estudos de antropologia afro-brasileira em Salvador e, embora reconhecendo sua falta de preparo para abordar o problema linguístico, formula as questões fundamentais para o conhecimento das línguas africanas faladas no Brasil: quais foram as línguas africanas faladas no Brasil? Que influência elas exerceram sobre o português do Brasil? (RODRIGUES, 1977, p. 121-152). Contribui para dar resposta à primeira indagação registrando dados linguísticos relevantes: coletou uma lista de 122 palavras de cin-

[3] DIAS, PEDRO. **Arte da lengoa de Angola oferecida a Virgem Senhora N. Rosario**: mãe e senhora dos mesmos pretos. Lisboa: Miguel Deslandes, 1697. 48 p.

[4] PEIXOTO, Antonio da Costa. **Obra nova delíngua geral de Mina de Antonio da Costa Peixoto**: Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora: publicado e apresentado por Luís Silveira. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1731.

co línguas africanas “diferentes, faladas na época em Salvador: grunçe (gurúnsi), jeje (mahi), (eve-fon), haussá, canúri e tapa (nupe)”. A respeito do *nagô* ou *iorubá* afirma ser a língua mais falada na Bahia “tanto pelos velhos africanos, de todas as origens, quanto por um grande número de crioulos e de mestiços” (RODRIGUES, 1977, p. 132).

E a partir do século XX, ainda há registros de línguas africanas?

A importante mudança socioeconômica promovida pela abolição da escravidão e pelo desenvolvimento da cultura do café, no final do século XIX, provocou a redistribuição dos africanos por todas as regiões do país e promoveu a difusão da língua portuguesa para todos os habitantes da nação. Nessa nova ordem social, as línguas africanas foram perdendo seu espaço de utilização, deixando de ser usadas em alternância com o português. As línguas gerais veiculares (quimbundo, mina, iorubá) passaram a ter seu emprego restrito a certos ambientes, seja sob a forma de línguas rituais reservadas aos cultos afro-brasileiros, seja sob a forma de línguas *secretas* (BONVINI, 2008, p. 50).

As chamadas *línguas secretas* estão abrigadas em comunidades constituídas por afro-descendentes localizadas nos estados de São Paulo (Cafundó) e Minas Gerais (Tabatinga). Até o presente só se tem registro dessas duas localidades, que estão documentadas em duas publicações prin-

cipais: Vogt e Fry (1996) sobre o Cafundó e Sônia Queiroz (1998) sobre a Tabatinga.

O Cafundó, bairro rural da cidade de Salto de Pirapora, está situado a 150 km de São Paulo. A comunidade é constituída por afrodescendentes, que conservaram o uso de um reduzido léxico de base banta, que é utilizado dentro da estrutura morfossintática do dialeto rural da região. Para os cafundoenses, a mais importante função da *língua*, ou da *cupópia*, como a identificam, é a de código secreto, restrito a membros da comunidade.

A Tabatinga, uma área da periferia de Bom Despacho, em Minas Gerais, foi tema da dissertação de mestrado de Sônia Queiroz, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais em 1983 e publicada em 1998 sob o título “Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga”. Apresenta uma língua semelhante à do Cafundó, com léxico de origem banta.

As duas comunidades negras, além de terem em comum um léxico de origem banta, manifestam o sentimento de falar uma língua africana, pois o fato de nomear de forma diferente dá-lhes a ilusão de que se trata de outro idioma, mesmo que a fonologia, a morfologia e a sintaxe sejam do português (PETTER, 2006, p. 122).

Registrou-se também em Patrocínio, cidade situada em Minas Gerais, no oeste do Triângulo Mineiro, a existência da *calunga*, uma linguagem utilizada por um pequeno grupo de falantes, que a consideram como um tipo de língua secreta. Da mesma forma que a *cupópia* e a língua da Tabatinga, a *calunga* apresenta um pequeno léxico de línguas bantas (quim-

bundo, umbundo e quicongo) e estrutura morfossintática do português vernacular local (BYRD, 2006, p. 62).

Vários estudos sobre a linguagem de comunidades quilombolas foram publicados, mas em nenhum deles se apontam palavras de origem africana interagindo com o português da mesma forma que se verificou no Cafundó e na Tabatinga. Mary Careno publicou em 1997 a tese defendida em 1991, na Universidade Estadual de São Paulo-Assis: *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. Com o objetivo de descrever o dialeto da região sul do estado de São Paulo, o Vale do Ribeira, a mais pobre do estado, a autora coletou amostras de fala espontânea de falantes de três comunidades: Abobral, Nhunguara e São Pedro. Careno não encontrou remanescentes de línguas africanas no léxico; deparou com um dialeto rural em que, entre outros aspectos, observam-se alguns fatos particulares: na morfossintaxe há variação da concordância de número e gênero e, na fonologia, encontram-se algumas ocorrências das africadas [tʃ] e [dʒ] em contextos fonéticos não encontrados no PB, como em *cachorro* e *gente*. Os mesmos fatos fonéticos e morfossintáticos foram observados por mim e meus orientandos em outras comunidades do Vale do Ribeira, como Canguê e Pedro Cubas.

As comunidades negras isoladas, os quilombos atuais, instigaram pesquisadores a buscar vestígios de processos de crioulição (sobretudo Baxter e Lucchesi) que teriam ocorrido no passado. No entanto, as análises empreendidas confirmaram a hipótese levantada por Silva Neto (1950), de que, se houve línguas

crioulas no Brasil, essas ficaram isoladas e tiveram uma vida efêmera.

O mais extenso trabalho, com análises morfossintáticas da fala de quatro comunidades quilombolas de diferentes regiões do Estado da Bahia, foi publicado em 2009, organizado por Dante Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro. Nesse estudo, os pesquisadores definem o conceito de *português afro-brasileiro*, que apresentaria uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro, “pelas suas características sócio-históricas e linguísticas [...]” (LUCCHESI et al., 2009, p. 32).

Retomando: as línguas africanas documentadas nos séculos XVII e XVIII, quimbundo e língua de mina, que foram descritas ou registradas com o objetivo de facilitar a comunicação dos senhores com os africanos escravizados, tornaram-se hoje documentos importantes para o estudo científico das línguas africanas no Brasil e na África.

Desde o período em que se discutiu se o PB era ou não um crioulo, o contato linguístico entre línguas africanas e língua portuguesa passou a ser o tópico de estudo mais importante para explicar a especificidade do português que falamos. Porque estiveram presentes desde o início da colonização, as línguas africanas e as indígenas participaram da emergência do PB. Nos séculos XIX e XX, o léxico foi considerado o elemento identificador do contato; hoje os estudos linguísticos debruçam-se sobre outros níveis da organização linguística, a morfossintaxe e a sintaxe.

Em 2008, em minha tese de livre-docência, propus examinar o PB como

parte do conjunto linguístico constituído pelas variedades de português faladas em Angola e Moçambique, deslocando o foco da investigação para o *continuum* de formas que a língua portuguesa assumiu ao estender-se para o continente africano. Defendi a hipótese mais forte que se pode formular sobre as situações particulares de contato linguístico que se produziram em Angola, no Brasil e em Moçambique, assumindo que foi o contato com as línguas bantas que promoveu as semelhanças entre essas variedades de língua portuguesa. Na análise, busquei demonstrar que a incorporação de itens lexicais e a morfossintaxe de concordância revelavam o impacto da transferência de traços compartilhados pelas línguas bantas dos dois países. Nessa perspectiva, foram publicados vários estudos, dentre os quais se situam os trabalhos de Avelar e Galves (2014) e Negrão e Viotti (2008; 2011). Os primeiros abordam construções sintáticas do PB que podem ser aproximadas de estruturas encontradas em línguas bantas e no português falado na África, como as de *tópico-sujeito com inversão locativa*, observada em (a) no exemplo abaixo:

- a) “algumas concessionárias tão caindo o preço [do carro]”⁵
- b) *Em algumas concessionárias tá caindo o preço [do carro]. (AVELAR; GALVES, 2014, p. 255)*

Em (a) o verbo não concorda com o sujeito lógico (o *preço* [do carro]), mas com

o elemento em primeira posição (tópico) que é uma expressão locativa.

Negrão e Viotti (2008), considerando o contato entre o PB e as línguas bantas, fizeram a primeira tentativa de análise de sentenças impessoais do PB aproximando-as de sentenças passivas do quimbundo. A partir de sentenças como “A ponte construiu rápido”, que tem sido interpretada como uma sentença passiva com omissão do ‘se’ apassivador e “Esse trem já perdeu”, em que essa mesma análise (passiva com ‘se’ omitido) não pode ser feita, visto que o verbo ‘perder’ não admite construção passiva porque o sujeito não tem controle sobre a ação expressa pelo verbo, as autoras sugerem que se examinem essas construções do PB em comparação com construções de passiva impessoal do quimbundo.

Vários fatores colaboram para que não se tenha uma interpretação totalmente satisfatória para a situação de contato entre línguas africanas e português no Brasil: a dificuldade de interpretar os raros documentos e os apontamentos encontrados de diferentes gêneros literários; o interesse recente de pesquisadores por teorias de contato que que abordem fatos linguísticos que ultrapassem o reconhecimento dos empréstimos lexicais; a falta de trabalhos descritivos sobre as línguas africanas transplantadas para o Brasil que possam assegurar a análise dos dados observados. Diante desse quadro, sentimos a necessidade de que os linguistas sensíveis aos estudos de descrição, história e contato de línguas dediquem-se mais ao estudo de línguas africanas, principalmente as que são faladas em países africanos de língua oficial portuguesa,

5 FÓRUM CARROS DE RUA. Disponível em: <<http://forum.carrosderua.com.br/index.php?show-topic=122656>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

pois elas estão entre as que têm recebido menor atenção dos pesquisadores.

Aqui chego à resposta para a segunda leitura do título desta fala: Por que, no Brasil, estudar as línguas da África? A resposta que se depreende do que venho expondo seria dizer que o conhecimento das línguas da África, ou seja, da Linguística Africana, permitiria apreender melhor o contato linguístico que se produziu no Brasil. Novamente estaremos diante do protagonismo do português tendo as línguas africanas como ancilares, coadjuvantes, dado que a língua portuguesa seria o ponto de partida para se chegar às línguas africanas.

Mas as línguas africanas podem e devem ser estudadas por si mesmas, por sua importância científica, por constituírem um manancial da diversidade linguística mundial – mais de 2000 línguas que constituem uma unidade genética notável, distribuída em quatro grandes troncos linguísticos: afro-asiático, nigero-congolês, nilo-saariano e coissan. Muitas dessas línguas ainda não foram descritas e muitas apenas têm registros lexicais. Ainda se pode afirmar que há muito a ser feito no que se refere à descrição e à documentação de línguas africanas.

No Brasil, a participação nessa pesquisa ainda é muito pequena, e só com as primeiras teses e dissertações dedicadas exclusivamente à descrição e análise de línguas africanas em universidades brasileiras é que o foco passou a ser não só a relação do português com línguas africanas, mas também a inserção do Brasil no cenário mundial dos estudos dessas línguas. O cenário ideal para essa inves-

tigação demandaria a criação de centros ou institutos de pesquisa voltados exclusivamente para a Linguística Africana, a exemplo dos países que possuem uma longa tradição nos estudos das línguas da África: Alemanha, França, Bélgica, Estados Unidos (PETTER; ARAÚJO, 2015).

Considerações finais

No Brasil, podemos afirmar que a Linguística Africana tem se consolidado nas duas últimas décadas, com a formação de linguistas dentro e fora do país, com o aumento de publicações voltadas para as línguas africanas e com a realização de pesquisas em nível de mestrado e doutorado. Um evento que marcou a presença brasileira num contexto internacional na área foi a edição especial do World Congress of African Linguistics (WOCAL) 6, em 2008⁶, na Universidade de São Paulo. Nesse evento, reuniram-se grandes nomes da Linguística Africana, além de pesquisadores brasileiros interessados nos estudos das línguas africanas.

Mas, se formos além da preocupação meramente linguística, e concordarmos com o fato de que toda língua viva é um registro especial da história e da cultura de seus falantes, a descrição e a documentação das línguas africanas podem

6 WORLD CONGRESS OF AFRICAN LINGUISTICS, 6., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.caldi.uct.ac.za/cal/wocal/2008-special-wocal-6-sao-paulo>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

assumir uma importância sócio-histórica adicional, como lembra o linguista norte-americano Tucker Childs (2003, p. 8): o estudo das línguas da África pode contribuir para o conhecimento da história da África e, quem sabe, pode ainda trazer algum esclarecimento sobre como a linguagem se desenvolveu e se propagou, se a África for realmente o continente onde a espécie humana apareceu pela primeira vez.

Penso que as razões apontadas para justificar a pesquisa sobre línguas africanas sejam suficientes para concluir que o pouco interesse pelas línguas africanas no Brasil só se explica pelo desconhecimento da importância desse estudo nos contextos local e mundial. ■

[MARGARIDA PETTER]

Professora livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo; atualmente é professora sênior no mesmo departamento. Fez mestrado na Universidade de Abidjan, na Costa do Marfim, e doutorou-se na Universidade de São Paulo. Orienta pesquisas sobre línguas africanas e sobre o contato das línguas africanas com o português brasileiro. De maio de 2013 a abril de 2017, foi diretora do Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Áreas de pesquisa: línguas africanas na África e no Brasil; contato de línguas: português e línguas africanas. E-mail: mmpetter@usp.br

Referências

ALKMIM, Tania. Falas e cores: um estudo sobre o português de negros e escravos no Brasil do século XIX. In: CARMO, Laura do; LIMA, Ivana Stolze (Orgs.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2009. p. 247-263.

ALKMIM, Tania. Os escravos e a língua: em busca de bases históricas para uma reflexão. In: RAMOS, Jânia Martins; ALKMIM, Mônica Guieiro Ramalho de. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2007. p. 465-484.

ALKMIM, Tania. Um texto inaugural: o Visconde da Pedra Branca e o português do Brasil. **Stockholm Review of Latin American Studies**, Stockholm, n. 8, p. 21-33, mar. 2012. Disponível em: <<http://www4.iel.unicamp.br/projetos/afrolatinos/AlkmimSROLAS2012.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura Beatriz. Quem eram os *minas*? Notas sobre a “nação” mina ao sul do Brasil e do Prata no século XIX. In: AVELAR, Junito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura (Orgs.). **Dinâmicas afro-latinas: língua(s) e história(s)**. Bern: Peter Lang, 2015. p. 43-70.

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Revista de la Alfal**, n. 30, p. 241-288, 2014.

BALBI, Adrien. **Atlas ethnographique du globe: ou classification des peuples anciens de modernes d’apres leurs langues**. Paris: Chez Rey et Gravier, 1826. 42 p.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e o português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62.

BRÜGGER, Silvia; OLIVEIRA, Anderson de. Os benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas: séculos XVIII e XIX. **Tempo**, Niterói, v. 13, n. 26, p. 177-204. Niterói, 2009.

BYRD, Steven. Calunga: an afro-brazilian speech. **Papia**, São Paulo, v. 16, p. 62-78, jun. 2006.

CARENO, Mary Francisca. **Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras**. São Paulo: Arte & Ciência; UNIP, 1997.

CHILDS, George Tucker. **An introduction to african languages**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2003.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. 366 p.

DIAS, PEDRO. **Arte da lengoa de Angola oferecida a Virgem Senhora N. Rosario**: mãe e senhora dos mesmos pretos. Lisboa: Miguel Deslandes, 1697. 48 p.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. **Sinhás pretas, damas mercadoras**: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e São João del Rei, 1700-1850. 2004. 278 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

FÓRUM CARROS DE RUA. Disponível em: <<http://forum.carrosderua.com.br/index.php?showtopic=122656>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

LIMA, Ivana Stolze. Diz que é forro: práticas de comunicação escrava em anúncios de jornal. In: AVELAR, Junito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Beatriz (Orgs.). **Dinâmicas afro-latinas**: língua(s) e história(s). Bern: Peter Lang, 2015. p. 21-41.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MENDONÇA, Raimundo. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.

NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-203.

PEIXOTO, Antonio da Costa. **Obra nova de língua geral de Mina de Antonio da Costa Peixoto**: manuscrito da Biblioteca Pública de Évora: publicado e apresentado por Luís Silveira. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1731.

PETTER, Margarida (Org.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

PETTER, Margarida. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Mendes; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

PETTER, Margarida; ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. Linguística africana: passado e presente. In: PETTER, Margarida (Org.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

PETTER, Margarida. **Variiedades linguísticas em contato**: português angolano, português brasileiro, português moçambicano. 2008. 211 f. Tese (Livre-docência em Filologia e Língua portuguesa) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINTO, Edith Pimentel. **O português do Brasil**: textos críticos e teóricos, 1820-1920: fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978. v. 1.

PINTO, Edith Pimentel. **O português do Brasil**: textos críticos e teóricos, 1920-1945: fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978. v. 2.

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco**: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

RAIMUNDO, Jacques. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1977.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1950.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó**: a África no Brasil: linguagem e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORLD CONGRESS OF AFRICAN LINGUISTICS, 6., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.caldi.uct.ac.za/cal/wocal/2008-special-wocal-6-sao-paulo>>. Acesso em: 14 fev. 2018.